

76ª Semana Paulo Setúbal

1943-2018

“O homem mais rico da minha terra”
Homenagem aos ilustres Mestres Tatuianos



16º Prêmio Literário Paulo Setúbal
Contos, Crônicas e Poesias (Abrangência nacional)

17º Concurso Paulo Setúbal
Literatura e Artes Visuais (Abrangência municipal)

Paulo Setúbal

MUSEU PAULO SETÚBAL



PREFEITURA DE TATUI
PELO TRABALHO VENCEREMOS

Apoio Cultural

SECRETARIA DE
ESPORTE, CULTURA, TURISMO
LAZER E JUVENTUDE

Suplemento Especial

O Progresso
O Jornal da Cidade Tatuiana

16º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL
CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS
(Abrangência nacional)

CATEGORIA CONTO

1º lugar – Odimar Justino Martins Proença – “Odimar Martins”
Obra: “PI”
Tatuí/SP

2º lugar – Roberto Klotz
Obra: “SOLICITAÇÃO A MACHADO”
Brasília/DF

3º lugar – Roque Aloisio Weschenfelder – “Prof. Roque”
Obra: “SUPORTÔMETRO”
Santa Rosa/RS

Prêmio Galardão* – André Bueno Kaires – “André Kaires”
Obra: “CRIME PERFEITO”
Tatuí/SP

Menção honrosa – Fernanda Aparecida Rodrigues Laranjeira
Obra: “LONDES, 10 DE MAIO DE 1941”
Tatuí/SP

Menção honrosa – Lúcio Rodrigues Júnior – “Lúcio Júnior”
Obra: “LAGO DOS IPÊS”
Tatuí/SP

CATEGORIA CRÔNICA

1º lugar – Roberto Klotz
Obra: “TEXTO NA GAVETA”
Brasília/DF

2º lugar – Odimar Justino Martins Proença – “Odimar Martins”
Obra: “AGORA TANTO FAZ, SE NO MEIO DO VERSO, EU FIQUEI PARA TRÁS”
Tatuí/SP

3º lugar – Igor Mendes da Silva – “Igor Mendes”
Obra: “O CACHORRO BEGE”
Rio de Janeiro/RJ

Prêmio Galardão* – Ana Valéria Campos de Almeida Pereira – “Valéria Pereira”
Obra: “AINDA MORRO DE INVEJA”
Tatuí/SP

Menção honrosa – Ronaldo Doria dos Santos Júnior – “Ronaldo Doria Júnior”
Obra: “CARTÃO DE MEMÓRIAS”
Rio de Janeiro/RJ

CATEGORIA POESIA

1º lugar – Teresa Cristina do Nascimento Bendini
Obra: “POEMA SEM VERBO”
Tremembé/SP

2º lugar – José Walther Moreira dos Santos – “Walther Moreira Santos”
Obra: “DO VINHO QUE NÃO SE RESGUARDA”
Vitória/PE

3º lugar – Edileuza Bezerra de Lima Longo – “Edih Longo”
Obra: “POÉTICA”
São Paulo/SP

Prêmio Galardão* – Lúcio Rodrigues Júnior – “Lúcio Júnior”
Obra: “RECORDAÇÕES”
Tatuí/SP

Menção honrosa – Ana Cristina Mendes Gomes – “Cris Dakinis”
Obra: “LIVRAMENTO”
São Pedro da Aldeia/RJ

Menção honrosa – Geraldo Trombin
Obra: “PÁ... LAVRA”
Americana/SP

Menção honrosa – Silvana Souza de Moraes – “Silvana Moraes”
Obra: “AS NUUVENS QUE EU QUERO SER”
São José dos Campos/SP

*Prêmio Galardão – destina-se única e exclusivamente a obra de autor(a) nascido(a) ou residente há mais de dois anos na cidade de Tatuí/SP.

17º CONCURSO PAULO SETÚBAL
LITERATURA E ARTES VISUAIS
(abrangência municipal)

ARTES VISUAIS 1º E 2º ANO - ENSINO FUNDAMENTAL

1º lugar – Eric Soares – 1º ano
Contemplada Selo de Qualidade Literária:
Emef “Prof. José Tomás Borges”
Professor (a) contemplado (a) pelo edital: Alessandra Carlos Gonçalves

2º lugar – Jade Aparecida de Almeida Alves Pedroso – 2º ano
Emef “Prof. Accácio Vieira de Camargo”
Professor (a) honra ao mérito: Elis Regina Prestes Barbosa

Menção honrosa – Bryan Rodrigues dos Santos – 2º ano
Emef “João Florêncio”
Professor (a): Marisa Fernandes

Menção honrosa – Davi dos Reis Moraes Francato – 2º ano
Emef “Prof Paulinho Ribeiro”
Professor (a): Neiva Aparecida Rodrigues Telles

Menção honrosa – Miguel Cauã Silva Silveira – 1º ano
Emef “Profª Teresinha Vieira de Camargo Barros”
Professor (a): Angélica Prestes Ferreira Camargo

Menção honrosa – Rafaela Oliveira Bidim Lélis – 2º ano
Curso e Colégio Sul Paulista – Anglo Tatuí
Professor (a): Teresa Cristina Neves Fonseca Batista

ARTES VISUAIS 3º, 4º E 5º ANO - ENSINO FUNDAMENTAL

1º lugar – Maria Eduarda Antunes de Oliveira – 3º ano
Contemplada Selo de Qualidade Literária:
Emef “Prof. Accácio Vieira de Camargo”
Professor (a) contemplado (a) pelo edital:
Elis Regina Prestes Barbosa

2º lugar – Luana Mayer Gardenal – 4º ano
Curso e Colégio Sul Paulista – Anglo Tatuí
Professor (a) honra ao mérito: Teresa Cristina Neves Fonseca Batista

Menção honrosa – Ana Beatriz Martins de Moraes – 5º ano
Emef “João Florêncio”
Professor (a): Erica Fogaça

Menção honrosa – Aressa Cristina Rodrigues de Oliveira – 5º ano
Emef “Profª Lígia Vieira de Camargo Del Fiol”
Professor (a): Marisa Antônia C. dos Santos

Menção honrosa – Brenda Raissa Gonçalves de Campos – 5º ano
Emef “Prof. José Tomás Borges”
Professor (a): Alessandra Carlos Gonçalves

Menção honrosa – Erik Machado Lopes – 5º ano
Emef “Prof. José Tomás Borges”
Professor (a): Alessandra Carlos Gonçalves

Menção honrosa – Isadora Vila Nova Grando – 5º ano
Curso e Colégio Sul Paulista – Anglo Tatuí
Professor (a): Teresa Cristina Neves Fonseca Batista

Menção honrosa – Nicolas Yago Proença – 5º ano
Emef “Prof. José Tomás Borges”
Professor (a): Alessandra Carlos Gonçalves

Menção honrosa – Rebeca Amadeu Elias – 5º ano
Emef “Profª Magaly Azambuja de Toledo”
Professor (a): Adriana Correa Camargo

Menção honrosa – Sarah Proença Mendes – 4º ano
Curso e Colégio Sul Paulista – Anglo Tatuí
Professor (a): Teresa Cristina Neves Fonseca Batista

LITERATURA 6º E 7º ANO - ENSINO FUNDAMENTAL

1º lugar – Giovana Cunha dos Santos – 7º ano
Contemplada pelo Selo de Qualidade Literária:
Colégio Anglo Tatuí
Professor (a) contemplado (a) pelo edital: Mariana Fogaça Calvino

2º lugar – Leonardo Gabriel do Nascimento – 6º ano
Emef “Profª Lígia Vieira de Camargo Del Fiol”
Professor (a) honra ao mérito: Cleusa Elias Correa Fidêncio de Oliveira

Menção honrosa – Ana Júlia de Oliveira Barros – 7º ano
EE “Profª Altina Maynardes Araújo”
Professor (a): Luis Augusto Alves Barbosa

Menção honrosa – Gabriela de Paula Amorim – 7º ano
Emef “Profª Maria Helena Machado”
Professor (a): Marcos Paulo Cavalheiro Del Homo

Menção honrosa – Manuela Leandra de Oliveira – 6º ano
Nebam – Núcleo de Educação Básica Municipal “Ayrton Senna da Silva”
Professor (a): Cristiane Villanueva

Menção honrosa – Welison Mendes de Brito – 7º ano
EE “Profª Altina Maynardes Araújo”
Professor (a): Luis Augusto Alves Barbosa

LITERATURA 8º E 9º ANO - ENSINO FUNDAMENTAL

1º lugar – Gustavo Vitorino Moreira Silva – 9º ano
Contemplada pelo Selo de Qualidade Literária:
EE “Prof. Ary de Almeida Sinisgalli”
Professor (a) contemplado (a) pelo edital: Cristiane Silva dos Santos

2º lugar – Isabella Koyama – 9º ano
Colégio Anglo Tatuí
Professor (a) honra ao mérito: Mariana Fogaça Calvino

Menção honrosa – Giovanna Vaz Ramalho – 9º ano
EE “Prof. José Celso de Mello”
Professor (a): Fernanda Xavier

Menção honrosa – João Pedro Amaro Garcia – 9º ano
Colégio Bem Me Quer
Professor (a): Fernanda Junqueira

Menção honrosa – Vitória de Jesus Nunes Coelho – 9º ano
EE “Profª Altina Maynardes Araújo”
Professor (a): Luis Augusto Alves Barbosa

Menção honrosa – Victor Giuseppe Arena Correa – 9º ano
Colégio Bem Me Quer
Professor (a): Fernanda Junqueira

LITERATURA - ENSINO MÉDIO

1º lugar – Odimar Augusto Martins Proença – 3º ano
Contemplada pelo Selo de Qualidade Literária: Colégio Anglo Tatuí
Professor (a) contemplado (a) pelo edital: Mariana Fogaça Calvino

2º lugar – Hillary Fabiana Tereza Farah Zanella – 2º ano
Colégio Anglo Tatuí
Professor (a) honra ao mérito: Mariana Fogaça Calvino

Menção honrosa – Fernanda Antunes – 2º ano
Colégio Anglo Tatuí
Professor (a): Mariana Fogaça Calvino

Menção honrosa – Arthur Pereira Lima dos Reis – 2º ano
Etec “Sales Gomes”
Professor (a): Fernando de Jesus da Costa

Menção honrosa – Giovanna Aparecida Gonçalves – 3º ano
Etec “Sales Gomes”
Professor (a): Fernando de Jesus da Costa

expediente

Secretário de Esporte, Cultura, Turismo, Lazer e Juventude
Cassiano Sinisgalli

Secretária de Educação
Marisa Aparecida Mendes Fiusa Kodaira

Diretor Executivo do Departamento de Cultura
Rogério Donisete Leite de Almeida

Comissão do Concurso
Cassiano Sinisgalli
Rogério Donisete Leite de Almeida
Márcia Aparecida Oliveira
Luís Antônio Galhego Fernandes
Wagner Eduardo Graziano

Equipe Técnica do Concurso
Emilene Vieira Fiuza de Oliveira
Maria Augusta de Abreu Raggio Barbará
Pedro Heilborn de Oliveira
Tiyoko Tackenchí

Equipe do Museu “Paulo Setúbal”
Emilene Vieira Fiuza de Oliveira
Leila Maria Leite Miranda
Pedro Heilborn de Oliveira
Regiane Domingues Francisco
Rose Mary Raymundo Falchi
Tiyoko Tackenchí

Comissão julgadora do 16º Prêmio Literário Paulo Setúbal
Contos, Crônicas e Poesias (abrangência nacional)
José Rubens Incao
Maria Virgínia Frota Guariglia
Myrna Ely Atalla Senise da Silva

Comissão julgadora do 17º Concurso Paulo Setúbal
Artes Visuais (abrangência municipal)
Carmelina Monteiro
Jaime Pinheiro
Mingo Jacob

Literatura (abrangência municipal)
Ary Roberto
Cimira Camerón
Ivan Camargo

editorial

O HOMEM MAIS RICO DE MINHA TERRA (DO ESCRITOR AO MESTRE)

“Antes de ir-me de vez de Tatuí que não tornarei a ver tão cedo, preciso falar de um homem rico que lá vive. De um homem rico, rico. Porque amigo, não sei se você sabe, na minha terra há bastantes homens ricos. Mas esse é o homem mais rico de minha terra. Da minha terra só não. Pelas cidades em que andei, por países vários em que vivi, eu conheci mais tarde outros homens ricos, outros e muitos que eram mais ricos do que os homens mais ricos de minha terra. Pois esse, o de que falo aqui, é ainda mais rico do que todos os homens ricos que eu conhecia. Pouca gente, na minha terra, sabe disso. Muito pouca gente. Como sabê-lo? Ele é um simples, um humilde, um apagado professor de escola primária. Foi o meu primeiro professor. Chamasse: Seo Chico Pereira. Seo Chico morava na mesma rua em que eu morava... Seo Chico Pereira tinha 3 irmãs que como ele eram solteiras, quando elas faleceram, ele vendeu a casa que viveu por muitos anos. Vendeu sua casa e entregou aos pobres tudo o que tinha, assim chegou no Lar São Vicente de Paulo, leu o seu velho livro e como de costume, às sete horas, o sino tocou, mas nesse dia... nesse dia Seo Chico Pereira, não tomou do chapéu e nem da bengala, apenas acrescentou: “Vamos dormir meus irmãos. Porque de hoje em diante, vou morar no asilo com vocês.”

O texto acima é um breve resumo do capítulo VI da obra de Paulo Setúbal, onde de forma carinhosa immortaliza a memória de Francisco Evangelista Pereira de Almeida,

nascido em Tatuí em 27 de dezembro de 1857, e que se recolheu no Asilo em 18 de abril de 1932 e faleceu em 12 de agosto de 1944. A lei municipal nº 3.868, de 15 de setembro de 2006, dispõe sobre a instituição do “Dia de Chico Pereira”, a ser comemorado anualmente em 12 de agosto.

E por esse olhar que Paulo Setúbal lançou ao seu primeiro professor “Seo Chico Pereira” é que a Comissão e Equipe Técnica-Artística da 76ª Semana Paulo Setúbal escolheram o tema O HOMEM MAIS RICO DE MINHA TERRA (DO ESCRITOR AO MESTRE) que foca numa singela homenagem aos professores, a todos os professores que “in memoriam” transferiram o saber aos seus alunos e aos que ainda hoje, em meio à era digital, fomentam o conhecimento dos alunos com o intuito de valorizar sua formação cultural, buscando uma identidade a esses cidadãos que formam e formarão a sociedade nacional.

Com carinho e grande respeito é que calorosamente saudamos nossos MESTRES!!!

Muito obrigado pela presteza na formação de novos cidadãos!

Em 2018, o concurso de abrangência nacional recebeu 303 inscritos de 30 cidades brasileiras de 12 Estados e Distrito Federal: Bahia, Ceará, Distrito Federal, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Rondônia, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Sergipe, Pará, Paraná, Pernambuco. A grande novidade do concurso é o Prêmio GALARDÃO, que destina-se única e exclusivamente a

obra de autor (a) nascido (a) ou residente há mais de dois anos na cidade de Tatuí/SP.

Tradição na cultura municipal, o Concurso Literário, de abrangência municipal, permite revelar novos e grandes talentos para o cenário nacional. Sem dúvida alguma, as obras de Paulo Setúbal constituem-se em um aprendizado incomparável para desenvolver a habilidade da leitura. Por meio de suas obras, o leitor pode aos poucos ir desvendando as teias da história do Brasil e também da vida do autor.

E o grande incentivador dessa modalidade do concurso são as unidades escolares, por meio de seus diretores, coordenadores e professores que fomentam a memória do escritor e que, devido a esse incentivo, serviram de tema para o concurso deste ano.

É de suma importância aguçar o interesse do estudante, educador e pesquisador para as obras de Paulo Setúbal. Por esse motivo, trazer na Semana Paulo Setúbal, um pouco da vida e da obra de Setúbal facilita o contato com o escritor tatuiano, e a forma que observava sua pequena Terra Natal e seus personagens.

E que sigamos o exemplo de nosso tatuiano Paulo Setúbal, possibilitando num momento de presteza em nossa história voltar nosso olhar àquele que, com dedicação, permitiu-nos sermos grandes homens. Com carinho, a todos os Professores!

*Comissão Organizadora da
76ª Semana Paulo Setúbal*

CATEGORIA CONTO

1º LUGAR

Odimar Justino Martins Proença - Tatuí/SP

PI

“O vento arrebatou os algodões às cinco horas da tarde. E o óxido semeou cristal e níquel” (Federico Garcia Lorca)

$PI = TT = 3,14159265358979$ (número irracional infinito, usado para calcular o perímetro e área do círculo)

Na manhã, uma névoa me perseguiu durante as primeiras horas. As ruas de Pamplona, Espanha, pareciam um ser vivo. Atordoado, confundia os sons dos passos com as batidas do coração. O tempo não tem medo, o tempo tem pressa.

Os “buenos dias” (bom dia), repetido à exaustão aos desconhecidos simpáticos, na rotina de se aproximar do novo, do inusitado, num espanhol arrastado como as capas dos toureiros.

Assim seguiu o tempo, nos dias de Festa de San Fermín (São Fermín), na normalidade das coisas vistas e vividas, até ser atingido por algo grande e provido de força descomunal, no meio do caminho na Avenida Carlos III, El Noble, Pamplona - Espanha.

“Eran las cinco en punto de la tarde” (Eram as cinco em ponto da tarde). Às cinco horas da tarde, minhas retinas cansadas pela rotina em obras e edificações de engenharia, em um país distante e ao mesmo tempo tão próximo, foram apenas testemunhas de uma luz branca e um túnel, onde vozes repetiam expressões ou palavras incompreensíveis, como:

- El no percibió la aproximación del animal! (Ele não percebeu a aproximação do animal!);
- El toro se mueve por sí mismo! (O touro se move por si mesmo!);
- El poeta flota em sus pasos imaginários! (O poeta flutua em seus passos imaginários!);
- Qué importa! Eram las cinco en sombra de esa tarde! (Que importa! “Eram as cinco em sombra dessa tarde!”);
- Dios mio! (Meu Deus)!

“Eran las cinco en todos los relojes” (Eram cinco da tarde em todos os relógios). E assim permaneceu o tempo desde a minha entrada

numa embarcação grandiosa. Uma nau, a que minha presunção atribuiu à anterior presença do poeta Camões ou à de algum navegador espanhol famoso Vicente Yáñez Pizón, talvez. Seria o barco que salvou o primeiro do naufrágio, ou talvez a nave “La Niña”, que trouxe o segundo à América, junto com Cristóvão Colombo?

De repente, um barulho de ancoragem. E seguimos caminhando pela plataforma em direção a uma imensa taverna. E assim, e só assim, pude perceber que ao dizer “seguímos”, não seguia eu só, mas acompanhavam-me “palavras” que andavam, falavam e agiam como se humano fossem.

Cada uma personificava o seu significado. A “RAIVA”, do outro lado da entrada, franzia o “V” como fossem duas sobrancelhas pesadas, e a “TERNURA”, um pouco mais ao meu lado, apenas me ofereceu o “T” como quem oferece dois ombros amigos.

Não procurei a palavra “SAÍDA”, como era de se esperar. Tinha certeza de que, naquela imensa taverna, ela não estava, pelo menos por hora. De início, tentei procurar, com certa aflição, a palavra “RESPOSTA”, para poder entender o significado do “ONDE ESTOU”? “PARA ONDE VOU” e “QUANDO”? na inexorável necessidade humana de se encontrar, ainda que a palavra “RELÓGIO” marcasse exatas cinco horas da tarde.

Perguntei à palavra “RESPOSTA” que era isso tudo? Ela reunindo outras palavras, formou a frase:

- As esferas dos seus olhos, eu decifrarei.

O último verso do meu poema com ambições matemáticas “PI”.

PI- π

Dois mais dois, quatro
Duas vezes dois, quatro
Quadro lados!

E a esfera inspirava o quadrado. E de tão irracional e improvável, aconteceu o inusitado, o inevitável,
o quadrado, de conhecimento, encantado.

“Três vírgula quatorze”

repetia o polígono, a toda hora, tentando decorar as fórmulas. “Três vírgula quatorze”, uma, duas, três, mais uma vez... e o quadrado pôde imaginar através da esfera, as ondas do mar.

E à noite, quando triste, ele tinha sempre ao seu lado, um lindo rosto guardado dentro de um círculo em seu porta-retratos.

Então, ele pode presumir que ela sabia do trajeto sinuoso das estrelas

e que, um dia, ele tornaria a vê-la. Uma, duas, três, mais uma vez, “Três vírgula quatorze”

- As esferas dos seus olhos, eu decifrarei.

Caminhei pelo salão da taverna e pude observar os verbos que saíam de um canto do local para se aproximar dos pronomes, dos substantivos e dos adjetivos que estavam do outro lado e, como numa dança de palavras, tornavam-se frases completas.

Com o tempo, passei a me acostumar com as formações de versos completos, sempre tentando respeitar a concordância verbal da situação.

Um pré-desespero começou a ser substituído por uma aceitação indesejável, até sentir correr um filete de água e sal pelo meu rosto

Ah, a palavra “LÁGRIMA” perto do “OLHAR”, como a vi pela primeira vez, da maneira mais autêntica, nos olhos do meu pai. Há dez anos... “Ay, qué terribles cinco de la tarde” (Ai, que terríveis cinco horas da tarde), horário de saída do colégio. No dia anterior, minha mãe atentara contra minha pouca disposição para assuntos matemáticos, ensinando-me sobre o cálculo do perímetro dos círculos e do volume das esferas. Com seus olhos lindos e indecifráveis, com seu jeito doce de falar com os olhos e desenhar estrelas no meu dia. Sua voz era como uma onda que envolvia e acolhia ao mesmo tempo. Na manhã daquele dia, antes de partir, de carro,

para o trabalho, ela me falou em espanhol, idioma e orgulho dos meus avós:

- “As esferas de sus ojos, yo descifraré! (As esferas dos seus olhos, eu decifrarei!)

Foi a última vez que ouvi a sua voz.

Eram cinco horas da tarde, meu pai me abraçou forte e serrando os dentes pressionados contra os lábios, como quem descobre que os olhos sustentam a face, desabou em lágrimas e suas palavras demoraram a sair, e quando saíram, eu dei um grito tão profundo que este permanece em mim até hoje, voltando a cada ciclo de datas especiais, a cada frustração que o abraço dela me faz falta, a cada alegria que não posso partilhar aos seus olhos, num número irracional e infinito.

E só assim, naquela taverna, pude perceber que a palavra “ANJO” me acompanhava há um bom tempo, no silêncio. Era uma “PALAVRA”, por mais imponderável, também muito próxima das feições humanas

Toda de branco, às vezes acariciava meus cabelos, enxugava os meus olhos, apertava minhas mãos e colocava as suas em minha testa e velava o meu silêncio. Seria o amor da minha vida, a alma gêmea que todo ser humano persegue e que meu pai perdeu, numa tarde dos meus tempos de colégio?

Pensei em me comunicar; mas como um menino que teme espantar um pássaro que está tão próximo, apenas olhei a beleza de suas asas, pus-me a observar como quem observa o observador.

Agora, as palavras eram minha companhia e meu refúgio, e a presença quase constante da palavra “ANJO” contrastava com aquele local onde as horas, os minutos e os segundos permaneciam congelados.

Caminhei mais pela taverna e encontrei a palavra “TEMPO” parada num canto próximo à palavra “RELÓGIO”.

Meus pais e meus avós me ensinaram a amar o tempo, a poesia, as palavras, os livros e as pessoas. E, agora o “TEMPO” se distanciava da “PRÁTICA” e, o tempo era só uma “TEORIA”.

Inusitadamente, as palavras foram se dividindo em letras e as letras, transformando-se em pessoas e caminhavam de maneira tranquila por aquela taverna. Uma delas se aproxima e diz ser um médico alemão que tinha vivido no Gabão e, eu pude compreendê-lo perfeitamente, apesar do idioma diferente. Perguntei por que deixou o Gabão, e ele apenas sorriu graciosamente e respondeu:

- “A tragédia não é quando um homem morre. A tragédia é o que morre dentro de um homem quando ele ainda está vivo”.

E eu pergunto (reconhecendo a frase):

- Albert Schweitzer, eu morri? Ele simplesmente ri novamente. E outra voz fala:

- “Não pergunte por quem os sinos dobram; eles dobram por você”.

Eu me assusto e exclamo:

- Ernest Hemingway!

E me calo, e o meu pensamento me diz que eu morri ou me encontro em um sonho muito louco.

Outro som interrompe meu silêncio contemplativo e me diz:

- “Eu pinto as coisas como as imagino e não como as vejo”.

E completa a frase:

- “Em arte, procurar não significa nada. O que importa é encontrar”.

Desta vez, não reconheço a frase, mas reconheço o rosto e a boina posta de lado sobre cabeça.

- Pablo Picasso! “Dio mio” (Meus Deus)!

E mais uma voz interrompe, agora, o meu espanto:

- “Se me esqueceres, só uma coisa: esquece-me bem devagarinho”.

Mário Quintana, Mário Quintana...

Penso que a morte deve ser uma loucura permissiva ou todas as palavras experimentadas pelos sentidos, em anos de memórias adquiridas de maneira consciente e subconsciente, querem dizer que o “TEMPO” não existe até que voce esteja vivo para lhe conceber a existência.

E de repente, todos as pessoas voltam a ser letras e as letras voltam a formar palavras, só que

CATEGORIA CONTO

soltas e desorientadas.

Quantas coisas a explicar o porquê, como se tivesse algo que ficou inacabado, um poema a ser escrito, um encontro amoroso. Se morri, por que não entrei no mesmo estado filosófico dos meus interlocutores?

De repente, as palavras “CALOR” e “FRIO simultaneamente se aproximaram. E novamente, um túnel com uma luz branca intensa se abre sobre meus olhos e o relógio na taverna IMPASSÍVEL me faz pensar que só me restaram as lembranças. A palavra “MEDO” me abraça e começo a ouvir vozes e eu ouço alguém falar:

- La temperatura está oscilando mucho - (A temperatura está oscilando muito)!

- Lo estamos a perder! - (Estamos perdendo-o)!

- Hicimos nuestro “MEJOR” - (Fizemos o nosso “MELHOR”!)!

A palavra “ANJO” se aproximou,

encostou seu rosto suavemente nos meus.

“ANJO” segurou firme as minhas mãos e uma porção de outras palavras como “TERNURA”, “CARINHO”, “BONDADE”, também se aproximaram; era inevitável não sentir certa presença familiar neste contato.

Às cinco horas da tarde, trinta dias depois, no quarto 314 de um hospital de Pamplona, Espanha, uma luz mostrou o rosto do “ANJO”, visto pela última vez dentro de um porta-retratos, ao lado da cabeceira da cama, em minha casa. E eu pude olhar para o rosto da minha mãe e fitar seus olhos lindos; fiquei contemplando, por um período longo, cada traço, cada detalhe e agora poderia satisfazer minha saudade pela eternidade em infinitos dias. Mas sua voz delicada e suave interrompeu minhas expectativas:

- Às vezes, a pergunta é a própria

resposta... E se fosse você que tivesse partido? O que você me pediria? Quem estaria aqui para ocupar o seu lugar? Agora, na morte, eu sei o quanto a minha vida e o meu amor precisam continuar vivendo no seu coração, para você conhecer os amores da sua vida, assim como eu e seu pai um dia nos conhecemos e nos permitimos conhecer você. E eu estarei com você o tempo todo quando vierem meus “nietos” (netos), seus futuros “niños” (filhos), que herdarão as minhas memórias transmitidas por você. Agora, peço que abra bem os olhos e nunca se esqueça disto: “As esferas de sus ojos, yo descifraré!” - (As esferas dos seus olhos, eu decifrarei!).

Meus olhos se abriram e a equipe médica, assombrada, traduz todo o sentimento nas palavras de uma enfermeira, que repete com entusiasmo:

- Milagro! Milagro! (Milagre, Milagre!).

Talvez as primeiras palavras, vistas por mim no início desta jornada surreal, eram apenas estados de consciência básicos e, o encontro com personagens do meu universo de conhecimento, um estado de consciência mais elevado e profundo, possivelmente pela menor ou maior gravidade do meu estado de saúde, como se a mente tentasse criar um estado de consciência paralelo para preservar os instintos biológicos de sobrevivência. Um estado de ilusão e imaginação que mantém todos os órgãos conectados com a existência.

Após acordar do estado de coma, é chamado ao meu quarto o responsável do plantão médico do hospital, por sinal, uma jovem e linda médica responsável. Meus olhos, há dias habituados com letras, filósofos, poetas e pintores,

finalmente puderam ver uma obra de arte humana, que me fez lembrar meu professor de literatura dos tempos de colégio, falando aos adolescentes que “Poesia é uma arte”, “O primeiro olhar de uma paixão é simplesmente algo inesquecível”.

Ela examinou meus reflexos, aferiu minha pressão sanguínea, sempre com um sorriso encantador. Após retirar o aparelho dos meus braços, disse com tom de gracejo:

- Aquí está el hombre que golpeó el toro em fiesta de San Fermin. (Aqui está o homem que atingiu o touro na festa de São Fermino.)

Depois, com a luz do otoscópio (aparelho médico equipado com uma lente e um foco luz), observou meus ouvidos e garganta e me pediu para deixar os olhos bem abertos e num sorriso suave falou:

- As esferas de sus ojos, yo descifraré!

2º LUGAR

Roberto Klotz - Brasília/DF

SOLICITAÇÃO A MACHADO

São Paulo, 11 de outubro de 2008

Prezado Machado de Assis,

Acabei de finalizar o meu primeiro livro. É de crônicas. Consta que o senhor é reconhecido como um dos primeiros cronistas brasileiros. Isso me dá a liberdade de lhe escrever, sem constrangimentos, uma vez que somos colegas de gênero. Como colega, solicito um favor especial: gostaria que escrevesse uma apresentação para colocar na contracapa. Seria de enorme honra e grande privilégio, uma vez que já procurei na livraria e não encontrei nenhum livro com sua recomendação para autor ou obra. Serei o único.

Quando o leitor entra na loja disposto a adquirir alguma obra, primeiramente é atraído pela capa ou pelo nome do autor. Embora tenha escolhido um nome polêmico, ainda sou desconhecido, então a capa é fundamental, por isso pedi ao editor para criar a capa com um vermelho forte e colocar a palavra sexo bem grande – dizem que isso vende muito. Evito imagem, pois a palavra em si atrai homens e também mulheres. Depois que o promitente comprador (eu também conheço palavras pouco usadas) for atraído pelo sexo, irá virar o livro e ler a apresentação. É aí que preciso das suas palavras e da sua assinatura.

Entendo que a contracapa é um dos principais itens de persuasão na venda ao leitor.

Muito mais importante que as orelhas. O senhor poderá guardar e, no futuro, mostrar orgulhosamente aos seus filhos. Aparecer no verso de um livro conta mais pontos no currículo que um simples recorte de jornal, sabia?

Embora eu seja um pouco desentrosado com a turma que lê e decora poemas, sei que Machado de Assis é bem conhecido no meio literário, tanto que, recentemente, o seu aniversário, me contaram, foi notícia em programa de televisão. Procurei pelos títulos dos seus livros entre os mais vendidos numa revista semanal, infelizmente não o encontrei entre os primeiros cronistas. É básico apertar a sua editora e cobrar a assessoria de marketing. Sei lá, precisa aparecer no Jô Soares, no Serginho Groisman ou ser entrevistado pelo Faustão. A salvação é que, de acordo com as minhas pesquisas, no prédio onde moro, descobri que quase todos já ouviram falar do seu nome alguma vez. Isso é o que importa. O senhor é famoso por aqui. Isso não é bacana?

Quando for escrever a apresentação, evite ser prolixo como nos seus romances, basta uma lauda, só há espaço para uma página e ainda precisa deixar lugar para o código de barras. Para o senhor, deve ser muito difícil fazer um texto enxuto, por isso, caso se exceda no tamanho, não se preocupe, pedirei ao editor para enxugar e cortar o supérfluo.

Acredito que alguns elogios a meu respeito

valorizem a obra e atraiam compradores. Fique à vontade para elogiar. Pode inventar. Abuse. Dizem que o senhor tem muita criatividade. Mas, se faltar inspiração, sugiro que escreva que o cronista é de origem humilde, que só aprendeu a escrever aos doze anos de idade. Que o autor ganhava dinheiro lavando carros sob o sol quente e que, entre um e outro automóvel, escrevia à mão, sentado num caixote de madeira. Diga que me descobriu quando perdi meu caderno no seu possante. As pessoas ficam comovidas e compram. Em relação à minha escrita, comente que a complexidade da leitura da obra cumpre um papel essencial e acarreta um processo de reformulação nas teorias literárias. Ou: é fundamental ressaltar o novo modelo estrutural aqui preconizado e que nos obriga à análise dos conceitos de formação de novos leitores. Encontrei essas magníficas frases em um manual que ensina oradores a discursar. A lista de frases é extensa, se precisar, posso transcrevê-las, é só pedir.

O editor disse que é importante ser apresentado por alguém renomado, pois agrega valor à obra. Logo pensei em alguns personagens famosos como o Ayrton Senna, Elvis Presley ou mesmo o Ghandi, já ouviu falar, não é? Só depois o editor informou que deveria ser alguém da área das Letras. Imediatamente lembrei e sugeri o Morse, aquele do código. Foi rejeitado. O editor

parece estar perdido. Toda hora quer uma coisa diferente. Finalmente explicou que o ideal seria alguém destacado da área de Letras e com vários livros publicados. Pensei no autor do Dom Quixote, mas eliminei Cervantes porque só escreveu esse famoso. Depois, sem dúvidas, escrevi uma carta para William Shakespeare (se pronuncia uíliam) solicitando escrever a contracapa. Quando eu estava a caminho para a agência dos correios, encontrei um amigo que alertou que o tal do William não iria responder a carta por não falar português. Desisti do inglês. Só sobrou o seu nome.

Ah, antes de finalizar, gostaria que enviasse também uma foto colorida. Suas fotos sempre são muito sérias, procure uma mais alegre, com um sorriso grande em que apareçam os dentes. E, em vez daquela roupa de casamento, prefiro que esteja de bermuda, para combinar com o meu livro de crônicas descontraídas.

O lançamento será daqui a três meses, no bar do Tião das Codornas. O lugar é ótimo para vender, é bem movimentado. Se quiser, posso pedir para arrumarem uma mesinha onde poderá vender os seus livros também. Se não vender nenhum, ao menos terá a chance de sair de lá com uma namorada.

Por favor, responda logo para não atrasar a edição.

Um abraço do seu colega, Cid Cheldom

CATEGORIA CONTO

3º LUGAR

Roque Aloisio Weschenfelder - Santa Rosa/RS

SUPORTÔMETRO

Estou pronto a copiar estas frases para minha agenda. “Você tem agenda?” pergunta Ego. “Claro que tenho” respondo-me.

Simplesmente não copio frase alguma. Uma vez, aquela uma vez, caro Ego, eu pensei que ter agenda era nada importante. Talvez, por isso, nós dois estamos, tantas vezes, em vias de nos pegar! Você dizendo que ter agenda é essencial para nunca esquecer compromissos, mas Eu afirmando que cérebro ativo nada esquece e não trai um ser humano penetrado.

Um trovão estremece os ares e Ela sai da área, entra na sala e fecha tudo. “Vem temporal forte, já começa a ventar. Cada agosto é a mesma coisa. – Não sei como nunca levanta desse computador. Uma hora esse geringonça explode!” – Outra trovoadas e vento. Barulho de pedras no telhado. Chove gelo. Corro à cozinha, apanho um copo, encho-o até dois terços com cachaça e o levo até a área. Uma pedra, duas pedras, bem grandes pulam da calçada para a área. Apanho-as e as coloco no copo. Jogo tudo contra as nuvens, mesmo contra os protestos dEla. “Você sempre com essas mandingas! Acredita ainda nas conversas da vovó? Ao menos, ela jogava água benta para mandar tempo feio embora!”.

Outro trovão, mais vento, mas o granizo cessa e chove torrencialmente. A luz pisca, porém não cai. Volto à máquina. Preciso escrever meu texto. Lembro da primeira frase pensada, sem consultar a agenda. Outra vez a agenda! Ego hoje me tirou para dançar, mas Ela está com medo, medo demais do temporal; ora somente chuva e um certo vento, muitos raios e trovões, protesto de agosto aos maus aouros que as pessoas têm dele.

“Agosto está a gosto! Traz frio de inverno, aquecimento de primavera, calor de verão e tempo feio. Muda cada dia, até a cada hora”. As palavras na tela me acordam do devaneio. “Você devia escrever um título para o texto” reclama Ego. “Vou só colocar no fim, ainda nem sei se isto será um conto ou uma crônica” respondo-me. O eterno drama, a dúvida, o crônico julgamento dos críticos: isto é conto, isto é crônica. A chuva amansa, os trovões já soam mais ao longe. “Só falta sair o sol” diz

Ela. Não dou a mínima e escrevo o texto. Será crônica mesmo? Ah, mas quero um conto, um bom conto; na oficina da próxima terça eu preciso levá-lo e lê-lo para o professor e os colegas. Depois vão tropejar em cima de mim, vão ventar e, se for crônica na cabeça deles – vai saber como estarão esses lunáticos – então será granizo e não restará telha no meu telhado, molharão as palavras, e Ego ficará daquele jeito. “Agenda!” gritará.

“A moça está indecisa sobre o que vestir para ir ao encontro do rapaz que conheceu na net. Precisa estar no meio sensual, meio formal e inteira de cabeça” escrevo no que é para ser um conto. “Tem lógica” diz Ego, “agosto é teu mês preferido para criticar o tempo que Deus nem criou e que está só na cabeça da gente”.

“Vai te catar!” retruco-me. “Isto é meu problema, detonar meses de férias seria chover no mar, reclamar do outono faria efeito primeiro de abril, que besteira ter dia para tudo, até para a mentira!” “Tudo porque não queres escrever na agenda!” vem o eco de Ego. “É, não dá para suportar Ego. Tomara que isto não vire em uma crônica decepção na terça!”

Ela chega mais perto. “O tempo acalmou. Você também?” fala. Olho-a. Está atraente, e se eu não tivesse de escrever este conto, que, de jeito nenhum, poderá virar numa crônica, juro que a levaria pra cama e a amaria. “Amar as mulheres” reclama o poeta, “é sempre menos importante neste tempo que Deus não criou. Importante é ter dinheiro para que elas possam comprar sapatos, muitos sapatos...”

O tempo do relógio morre nos calendários, o tempo do clima é bom, é mau tempo, e tudo vira num agosto de calendário menos da metade, inverno chegando ao fim e eu me punindo por duvidar do conto que não quer ser crônica.

“Vamos tomar café?” A pergunta dela me acorda. “Deixe-me salvar o texto, depois preciso concluí-lo para fazê-lo dormir até na terça, pois, antes de ir à oficina, preciso reler tudo e corrigir o que não condiz com um conto, ou condená-lo como crônica antes de meus colegas me dizerem que só tenho jeito pra cronicar.”

“Você com essas suas oficinas!” Ela me dá um afago. “Como era bom quando ainda não tinha

essa mania de escrever, quando não possuía computador, então era tempo bastante para me amar!” Ela tem razão e, por cima, penso que esteja sugerindo o café na cama. “Tudo por falta de agenda!” Ego não sossega com esse troço de agenda, e eu não tenho paz enquanto o conto não se confirma.

“Está bem, café na cama, leve tudo pro quarto!” Ela ri e diz que o café será na cozinha, cama só na hora da sesta. “Combinado, até lá meu conto fica pronto” disse eu, rindo. “Eu não quero ser crônica, nem me conte isto! Sabe que sou um doce, um amor, mas você me ama quase sem fazer amor!” Depois de falar, ela vai à cozinha. Vou também.

“Agosto veio com tudo e trouxe suas loucuras. O problema é que foi enganado por Julho e Setembro que lhe impingiram uma identidade indefinida. Julho tem frio maluco, Setembro, seu calor que faz nascer as flores e as folhas verdes tenras. Julho é inverno, Setembro primavera.” “Porisso, é bom ter agenda, para não esquecer os compromissos de cada data!” intromete-me Ego.

Agenda? O que fazer quando uma obsessão invade a mente?

Conto ou crônica? Oficina? O que ganho com as idas à oficina?

Amar as mulheres! Ah! As mulheres! Os sapatos das mulheres, a sedução delas!

A trovoadas volta. A chuva retorna, mas o vento e o gelo desistem de incomodar. Já estou mais a gosto depois do café. Ela me olhou, sei o que vai querer na sesta! Sei que ela precisa de amor, e eu também, mas Ego só quer saber de agenda.

Vou escrevendo e espero que o conflito caracterizando o texto seja forte o suficiente para derrubar o professor e os colegas da oficina.

“É terça, anota na agenda! Vai esquecer!” insiste-me Ego. Ainda virá o dia em que darei um basta a Ego. Se ele não tivesse o Id para defendê-lo já estaria enterrado para sempre no subconsciente. Eu não quero que Ela se frustre hoje, não quero discussão alguma com Ego por causa de agenda, pois minha memória está repleta de páginas para guardar os compromissos.

“É conto sim, senhores! Crônica é a cabeça de vocês!” Sofro com antecedência.

O almoço será às doze, a sesta depois da louça lavada!

A oficina é terça, conto tem conflito grande; crônica é coisa do dia a dia e pode ter algum desencontro eventual.

Como ainda escrevo com toda esta bagunça conflitante na mente?

Ela me diz as palavras mais doces, não sei corresponder com dizeres; se ao menos pudesse escrever com o teclado do computador nas pernas, nos braços, nos seios, no rosto, na nuca. Ela adora quando teclou nela e fico quieto. Ela quer amar como amamos na lua de mel. Eu quero que seja um conto, de crônica chega minha sina de ter de escrever e apresentar um texto na oficina e suportar aqueles babacas sabidos em paz com o Eguinho deles...

Amor em agosto, filho em maio. Dizem que os nascidos em maio são inteligentes. Será que todos são? “Marca na agenda, nascerá em maio, fim de maio, signo gêmeos!” Nem preciso dizer que foi Ego outra vez. Nem pra fazer amor deixa-me em paz.

“Não esqueça a oficina” alerta o professor. “Apresente seu conto novo, capriche, releia, lembre-se: conto precisa de conflito, de intertexto e subtexto.” É! Mais uma crônica advertência para quem tende a ouvir Ego, a viver se conflitando o tempo todo e sequer pode fazer amor com o tempo e calma num dia de chuva em agosto.

De volta ao conto, que, desta vez, não terá rótulo de crônica, será? Detono a personagem “agosto” e a coloco em xeque, quando São Pedro manda seus ajudantes abrir os cântaros sobre “a terra”. Tempo-relógio contra tempo-clima; Eu contra Ego.

“Num dia de agosto, escrevo, perturbado por Ego, sobre o tempo, o múltiplo tempo – cuidado, isto vira crônica – e conflito-me, mesmo sendo amado na hora da sesta, pela mulher que gosta de mim e de muitos, mas muitos sapatos.”

Que se danem o professor e os colegas da oficina: meu texto é um conto e ponto!

“Danou-se! Não escreveu na agenda! Perdeu a oficina!”

Que quarta-feira terei de suportar com Ego! Não tenho mais cachaça para mandingar. Ainda bem que o amor com Ela foi bom, sem data na agenda!

PRÊMIO GALARDÃO

André Bueno Kaires – Tatuí/SP

CRIME PERFEITO

o poema nasce. as migalhas todas na mesa de bar.

- um chopp, cara!

o olhar demora no balcão. uma mosca pousa no ombro da moça tatuada. cataplot! o pequeno assassinato da mosca acontece. ela cai dura no chão. desvio o olhar pra prateleiras repletas de embriaguez e melancolia.

- tá na mão o chopp, patrão! o cara do bar fala em voz alta, enquanto sintoniza o som.

- a rota 11 é a melhor... podemos ir por ela!

a moça ri. bebo mais da metade do chopp num só gole. o poema nasce exatamente ali.

um feixe de luz corta o canto do bar. termino o chopp, a

moça abre a bolsa. tira o maço de cigarros. isqueiro. chiclete de menta. levanta. ajeita o vestido curto floral. sai. Levanto a tulipa:

- mais um, cara!

ele acena: - é pra já, patrão.

a moça de costas, soprando lentamente a fumaça, pensava coisas assim: “se nada der certo, atiro nele!” havia um cheiro de complô no ar. uma coisa sumarenta que ardia em nós

- tá na mão, patrão.

o chopp. ainda mais gelado. e o poema ali nascendo... uma brisa bagunça os cabelos da moça. e como se estivesse com a cabeça inteira num aquário, ela mergulhou

pra nunca mais voltar. enquanto afundava em si mesma, soprava melancólica a fumaça e pensava coisas assim: “atirei nele!” está feito... num piscar de olho o grande assassinato enfim se revelava; de bruços no balcão, o cara do bar, tossia enquanto sangrava. e quando levantei a tulipa na súplica por mais um. chopp. o cara vai apagando... o poema nasce. Prematuro roxo. minúsculo... antes de afundar pra sempre, a moça recita: “desde que você se foi, todas as palavras estão de partida...”. ao fundo, a música ainda ressoa.

saio.

amanhã volto pra pagar a conta.

CATEGORIA **CRÔNICAS****1º LUGAR**

Roberto Klotz - Brasília/DF

TEXTO NA GAVETA

Sou um texto mal visto. Durante muitos anos repouso no escuro da gaveta. Lá ninguém se importa com o meu gênero. Na confusão de papéis ninguém liga se sou romance, novela, conto, crônica, artigo ou um rascunho amarrotado.

O autor queria que eu fosse um conto, mas desde as primeiras linhas mostrei a minha tendência para crônica.

Para ser conto eu deveria ter um conflito. Eu não tenho conflito. Tenho medo de sair da gaveta, é só isso. Desde sempre eu desejava desfilhar num livro do Rubem Braga, estaria no meio de iguais.

- Quem sabe, até seria elogiada?

Os homens têm mania de rotular, de dizer que isso é cadeira de balanço, aquilo é carro de passeio, aquela é lâmpada fluorescente.

- Sobrou pra mim!

Já houve quem me julgasse fábula, – Ora, vejam só – julgaram a partir de uma olhadinha rápida, confeitando meus travessões. Pensam que sou fábula porque emito opiniões como cigarras, formigas, elefantes. – Puro preconceito! É característica das crônicas emitir

opiniões sobre tudo. Falamos sobre esporte, política, artes. Falamos sobre paixões, tristezas, encantamentos e principalmente o que ocorre no dia a dia. Qualquer coisa que fairsque as ideias. – Sou crônica!

Sou crônica e não sou doente. Não é minha opção ser crônica. Nasci crônica. Cresci crônica. Não há aconselhamento religioso, psicológico ou psiquiátrico que mude meu gênero ou que me transforme em conto.

– Na verdade, não estou nem aí. Estou me lixando! Os romances, as novelas e os contos deitam seus textos em inúmeras, incontáveis páginas. Eu não. Sou rapidinha. Bastam algumas linhas e saio feliz da vida, desfilando nas páginas dos jornais.

Sou exibida, sim. Todos os dias abro o guarda-roupas para escolher do cabide alguma coisa que combine com o meu astral. Alguma metáfora vermelha, uma ironia listrada ou, quem sabe, uma prosopopeia de bolinhas. Depois abro a minha caixinha de acessórios escolho algumas pulseiras poéticas e um brinco de humor leve.

Por outro lado, fico furiosa, quando me veem lindinha, cheia de charme, e me olham do título

ao rodapé e comentam:

- Que letras redondinhas! Que parágrafos sarados! Que desperdício!

- Quer saber?

- Sou crônica porque falo na primeira pessoa. Eu assumo o que penso.

- Sou crônica porque tenho opinião.

- Sou crônica porque, apesar do momento de estranhamento, tenho bom humor.

– E tem mais – percebeu como abaixei o tom da voz? - Procuo cativar os leitores com meu jeitão de pensar. Faço de tudo para o leitor se identificar com as maluquices.

– Gosto de iniciar uma discussão, uma polêmica, um questionamento. Mas não é para brigar. Fico feliz quando, durante o cafezinho, voltam para o assunto que eu provoquei.

– E sabem o que mais? - Sou crônica porque me fecho com final surpreendente. Tanto que agora que já disse o que pretendia, saio da gaveta fantasiada de carta. Pulo dentro de um envelope e viajo para longe do olhar dos rotuladores.

2º LUGAR

Odimar Justino Martins Proença – Tatuí/SP

AGORA TANTO FAZ, SE NO MEIO DO VERSO, EU FIQUEI PARA TRÁS

“Ou se tem chuva e não tem sol, ou se tem sol e não se tem chuva!” (Cecília Meirelles).

Às vezes, eu me pergunto: quantas palavras se perderam nos versos dos poetas e ficaram para sempre esquecidas, ora por falta de métrica, ora por falta de rima, como a imaginar uma carta que não veio? Por timidez? Indecisão? Desencontros do correio ou desenganos do coração...

Normalmente, estas palavras deixaram de existir bem nas esquinas dos poemas, onde acontece o ápice do verso. Nesta esquina, deve existir uma taverna (mais poético do que bar – sempre há uma escolha menos ou mais etílica para cada estrofe, a fim de embriagar o leitor), onde as palavras se reúnem para lamentar sua não existência num poema. São flores trocadas por uma só flor, a gosto do poeta que trocou o aroma do buquê pela exclusividade de um só perfume. São ventos trocados por cata-ventos, conventos ou

simplesmente um acento que pontua uma linha. São beijos, abraços trocados por outra forma de carinho ou carícias e o poeta será fiel à fidelidade de seu poema e “que não seja imortal, posto que é chama, mas que seja infinito enquanto dure” (Vinicius de Moraes).

São tantas palavras tristes ou conformadas talvez porque sua existência comprometeria a beleza do poema. E elas sabem que foram feitas para complementar e tornar o triste aceitável, fazendo o belo. Há ou não beleza? “No meio do caminho tinha uma pedra – tinha uma pedra no meio do caminho” (No meio do caminho – Carlos Drummond de Andrade).

Às vezes, palavras que soam pedantes como “impossível”, “improvável” e “imponderável” e deixam de existir no poema pela necessidade do simples, mas “Por vezes algo fica por fazer, não conseguimos executar, sem que possamos explicar o porquê... São os fatores im-

ponderáveis da vida... Por vezes algo fica inacabado, sabe-se lá por que, ficando a indefinição que não sossega o coração... Pode ser um poema, pode ser um beijo, pode ser um encontro amoroso... Simplesmente coisas da vida, que trazem dúvidas sobre algo não finito, algo que não ficou definido ou que não foi bem explicado... Simplesmente coisas da vida, e sua imponderabilidade...” (O tal imponderável – Marcial Salaverry).

Às vezes, o silêncio permanece em silêncio, por não existir no poema e o grito fica engasgado nas estrofes de um verso e a música é um poema que grita, dança e se rememora no refrão e “doi mais teu silêncio que tua agressão...” (Esquece Vem – Nico Rezende).

Existem as palavras que raramente ficam excluídas dos poemas pela diversidade de rimas ou pela infinita subjetividade de seu conteúdo. Estrelas que sempre guiam, mares que nos

fazem navegar, ventos que nos levam para onde a imaginação mandar ou a uma das mais importantes e simples de todas as palavras, cheias de rimas e cognição (para não ser simples): a mão, que por ela, viemos ao mundo, e com ela, os poetas escreveram e escreverão “e no fim da vida, quando os olhos fecham e o coração para, o corpo gela e os sentidos desaparecem, são as mãos, ainda brancas de cera que continuam na morte as funções da vida. E as mãos dos amigos nos conduzem... E as mãos dos coveiros nos enterram!” (Monólogo das Mãos – Giuseppe Artidoro Ghiaroni).

Até na forma de colocá-los no papel pode se excluir uma ou outra palavra. O poeta usa a pena (poética da leveza) ou usa a caneta (poética da força) ou se moderniza e desliza pelas teclas de um computador ou recorda a robustez da máquina de escrever ou toca a tela destes modernos aparelhos contempo-

râneos, como um beijo roubado (pela novidade) ou perdido (pela saudade) e, “Então, passo suavemente o dedo pelos meus lábios e faço a leitura, em braile, de um beijo incomum.”

Drummond, e se a lua, acompanhada de um conhaque, deixa você comovido como o diabo e “te pergunta sem interesse pela resposta, pobre ou terrível, que lhe deres: trouxeste a chave?”. Aquela, que entregastes ao pobre José, que “com a chave na mão, quer abrir a porta, não existe porta;” e mesmo que ele se chamasse Raimundo, “seria uma rima, não seria uma solução”. Então, “penetra surdamente no reino das palavras” lá estão as suas memórias, Carlos, porque “amar o perdido deixa confundido este coração. Nada pode o olvido contra o sem-sentido apelo do Não. As coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão. Mas as coisas finidas, muito mais que lindas, essas ficarão”.

3º LUGAR

Igor Mendes da Silva – Rio de Janeiro/RJ

O CACHORRO BEGE

Em Bangu, no auge do verão, o calor parece derreter coisas e consciências. No calçadão mulheres apressadas acotovelam-se, olhando as modas; homens de bermudas e chinelos, com a pele morena calcinada pelo sol, gritam vendendo cuecas, meias, água, cerveja, pendrives. O termômetro de rua marca inclemente: 40°. A sensação térmica, dizem, é ainda maior...

Venta muito pouco, em Bangu. Situado entre duas elevações rochosas, o vale, inteiramente asfaltado, é agora um bairro de casas largas e gente acolhedora. Na zona oeste, outrora chamada “sertão do Rio”, está-se longe do mar: dali à zona sul gasta-se, pelo menos, duas horas, fazendo baldeação ainda por cima. A barra da Tijuca não está longe geograficamente, mas o transporte pra lá também é precário, talvez propositalmente. Apenas no papel a Barra é filha da zona oeste; na prática, afastou-se das suas origens tanto quanto a Dona Jucunda da sua irmã gêmea, no conto de Machado de Assis.

Desmentindo a velha teoria do determinismo climático, que reputa às temperaturas elevadas uma tendência à prostração econômica, Bangu é também um fervo de atividades. A qualquer hora do dia e da noite o movimento é incessante: de dia, o comércio, as escolas, as pessoas indo ou voltando apressadas da estação de trem e dos pontos de ônibus, apinhados. De noite, são os botequins que se enchem de gente que quer afastar um pouco a ingrata rotina de trabalhos duros e mal pagos.

Numa palavra, Bangu é o subúrbio carioca típico, o velho subúrbio quase intocado, no que tem de regular e de extraordinário. Na luta pelo pão, o tempo urge, e não resta muito tempo para contemplações – exceto aos domingos, quando os quintais abrigam os churrascos intermináveis, frequentemente se prolongando para as calçadas e

ruas adjacentes, onde se discute com o mesmo afínco os temas da política e da vida alheia, os mais universais dentre todos.

Pois toda essa teia de relações sociais (novas e velhas), o movimento incessante, os comerciantes, as donas de casa, os estudantes, as moças, os crentes e os descrentes, pararam por causa de um cachorro bege, vira-latas, que tentava, metido a besta, subir uma escada rolante.

Ora, pois: Bangu tem uma escada rolante, sim senhor! “Está pensando o quê?”, diria uma senhora sisuda, dessas que andam por lá, “não é porque é subúrbio que não tem algumas melhorias”.

Se colocar uma escada rolante seria uma prioridade da administração pública, é tema que ultrapassa nosso texto. O fato é que, em ponto movimentadíssimo, bem diante à estação de trem, instalou-se dois lances de escadas rolantes, ligando ambos os lados de Bangu. A inauguração não foi pouca coisa, como se diz: contou com cobertura da imprensa, bolo, discurso de político local e banda de música. Tudo nos conformes.

O diabo é que a escada rolante, passados dois ou três meses, danou-se a enguiçar. E as mulheres idosas, carregando sacolas pesadas de mercados, esfalfavam-se subindo e descendo os degraus parados (os jovens estavam sempre apressados demais para ajudá-las). Depois de inúmeras reclamações, uma equipe pôs novamente o aparelho para funcionar, precariamente, contudo: num dia, funcionava a que descia; noutro, a que subia, como se as escadas, com salários atrasados, tivessem combinado trabalhar às meias, em regime de revezamento. Vá lá saber, neste mundo, tudo é possível.

Pois bem. Preso dessa fatalidade, o cachorro bege, mais ou menos conhecido de vista pelos frequentadores do local, decidiu-se a subir num dia em que apenas a escada

de descer estava funcionando. E foi aí que a encrenca começou.

O bicho, com as orelhas caídas, descontraídas, tentou a primeira vez. Uma pata, depois outra, e quando pensava que subia, descia. As pessoas nem se deram ao trabalho de pedir licença ao animal: desviaram e seguiram o rumo. Ele, intrigado, repetiu o procedimento, as orelhas já tensas sobre a cabeça – e nada.

Agora, os velhinhos jogando dama num banco de cimento ali perto, mais um ou outro cidadão menos apressado, já percebiam o que acontecia, e diziam uns aos outros:

– Ih, olha lá, o cachorro tentando subir a escada rolante!

Quando o cachorro tentou subir, pela terceira vez, e pela terceira vez foi restituído ao ponto de partida, já uma pequena multidão o acompanhava. Houve até quem, passando, lhe jogasse conselhos:

– Hei, amigão, tenta a outra!

Mas o bicho, quer porque fizesse ouvidos moucos, quer por teimosia, não se deu por vencido. Dessa vez, a quarta, não se contentou em colocar uma pata e depois a outra: pisou e começou a subir, como se estivesse numa escada normal. Progrediu um pouco, um pouco mais e, quando parecia elevar-se, estacou, esperou e... desceu.

À essa altura, o zum-zum-zum das pessoas já era enorme, a aglomeração crescia. Em tom zombeteiro, um rapaz comentou:

– Esse aí, coitado, é vira-lata há pelo menos três gerações!

– É, mas um vira-lata metido a bacana – alguém emendou, para gargalhada geral.

“Esse falatório medonho não me deixa raciocinar direito”, talvez tenha pensado o cão. “Quer saber? Perdido por cem, perdido por mil, eles vão ver só do que esse descendente de lobos aqui é capaz”

Decidido, tentou subir correndo. Lá no alto, as pessoas já haviam

desistido de descer, para dar-lhe passagem (ou simplesmente para admirar o espetáculo). Subiu, subiu, subiu e, no meio do caminho, a língua pendente, desceu. Cansado, desanimado.

– Esse tá igual a mim – falou um dos pedestres, um senhor aposentado, transformado em espectador – a flor da vida já passou, os joelhos já não são mais os mesmos.

Quiçá revoltado com a péssima manutenção da escada rolante, o cachorro começou a latir, com raiva, para a bruxa que insistia em impedir-lhe a passagem para o outro lado.

No calçadão, as pessoas riam, aplaudiam, conversavam:

– Essa é boa, tinha que mandar ele reivindicar o concerto da escada lá na prefeitura!

Nada se comprou ou se vendeu naqueles minutos. Quem tinha que pegar o trem, perdeu-o, os que estavam com fome esqueceram-se de comer: todos só tinham olhos para o cão. Muitos filmavam a cena com o celular, certos de que ela faria sucesso no whatsapp.

Isso durou até que um homem em andrajos, com a barba crescida, chinelos e bermudas rotos, se aproximou do animal. Ele, com toda doçura, acariciou o dorso do cachorro e falou-lhe algumas palavras, sabe-se lá se em língua de bicho ou de gente. Abanando o rabo, a língua pra fora, meio morto de cansaço, o cão subiu a outra escada acompanhado do mendigo, ainda sem entender exatamente o que tinha acontecido. Nesse momento, algumas mulheres tinham os olhos umedecidos, outros simplesmente lamentavam o fim da diversão.

Logo, o movimento voltou ao normal: as compras, a pressa, a luta pelo pão, o novelo infundável da vida, enfim. E ninguém mais se lembrou do cachorro bege e do seu acompanhante, que sumiram para lá da estação.

CATEGORIA **CRÔNICAS**

PRÊMIO GALARDÃO

Ana Valéria Campos de Almeida Pereira - Tatu/SP

AINDA MORRO DE INVEJA

Invejar a vida alheia é uma lástima, e quem não sabe o que é isso, não sabe o que é padecer. Não posso ver ninguém sorrindo, que não sinta o dente da terrível inveja morder-me as entranhas. É um revirar no estômago, um nervosismo que não é nem um pouco miúdo e não cabe dentro de mim. Eu creio que não há remédio para esse sentimento avassalador. Quando isso acontece, o meu constrangimento é imediato e faz-me sair do prumo. Sinto-me como um relógio desacertado.

O que me incomoda, é o sorriso de felicidade estampado em um rosto que parece idiota. Os olhos ficam cintilantes, a boca se alarga, o semblante se ilumina, e eu não entendo porque é que riem demasiadamente. Não vejo nenhum motivo para tanto!

São tantos tipos de riso, que eu até já perdi a conta. Odeio ouvir gargalhadas, e as caras alegres me desafiam a tentar ser feliz, e eu não sei sê-lo.

Eu não consigo me acostumar com a ideia de ter felicidade comigo todos os dias. Para mim, ela é uma estranha, e seria um martírio ter que carregá-la dentro de mim por onde quer que eu tenha que ir. Não conheço a sua voz e desconheço o seu cheiro. Acho-a eufórica demais.

Nessas ocasiões, eu procuro me distrair contando os pingos da chuva, se tiver chovendo, ou olhando o movimento das folhas das árvores, se estiverem a balançar, ou a olhar o nada, se o nada estiver na minha frente. Mas, não consigo ir muito adiante. É uma comoção péssima e tão dominante, que sinto despencar todos os tijolos dentro do meu peito.

Ainda ontem, ao sentar-me em uma cafeteria para tomar um chocolate quente (o dia estava muito frio) e ler o último capítulo de

um livro que eu havia comprado, senti uma vertigem, o coração acelerar e a minha garganta ficou seca demais, ao ler um trecho da última página que dizia assim: “E a bela jovem teve o rosto iluminado pelo sorriso, ao reencontrar o seu amor. Ambos não se cabiam de tanta felicidade.”

As entranhas doeram-me, como se um punhal as ferisse, a boca amargou-se como fel e eu não pude encarar a frase por mais tempo. Arranquei a folha com um ímpeto de inveja insuportável

Ao chegar a minha casa, pensei em deixá-la para embrulhar um chinelo ou usá-la para forrar uma prateleira, mas tornou-se impossível. Aquela frase estaria ali o tempo todo me afrontando, e fazendo-me lembrar de que a felicidade de ambos estaria dentro da minha casa e eu não fazia parte dela.

Eu sabia que a inveja ficaria pulsando, como uma veia dilatada que se prepara para deixar que lhe seja tirado o sangue em uma seringa, então, piquei a folha em mil pedacinhos, e joguei-os pela janela. Fiquei olhando-os caírem como flocos de neve, até que me senti mais calma e a inveja foi se dissipando lentamente.

Por um momento, um pensamento terrível me ocorreu. Será que ao jogar aquela revoada de palavras daquela maneira, eu não estaria semeando felicidade sobre as pessoas que por ali passavam naquela hora? Não, isso seria demais para mim! Além de estragar o livro, ainda teria que ver pessoas felizes debaixo da minha janela?

Por alguns minutos, me senti a pessoa mais feia do mundo. Por outro lado, eu era amiga da verdade, uma verdade singular insuspeitada, sem preconceitos e sem nenhuma pretensão de ser o que não sei ser

Em um intervalo lúcido em que tenho consciência de que esse sentimento me corrói intensamente, e que permito ligar as pontas da razão, penso que me acostumei com ele. Tenho tratado essa monstruosa inveja com zelo, porém, até já tentei mandá-la embora para sempre, mas acho que ela está comigo desde que ao mundo eu vim. É tão difícil desfazer-me dela!

Ela é mais do que uma hóspede, é uma moradora que já se apropriou do terreno, e resignada, eu até já a enfeitei com uma lasca de satisfação, uma pitada de orgulho e um punhado de afeto. Acho que ela está mais robusta, mais conservadora e mimada do que nunca!

Mais uma vez, acabei cedendo à tamanha presença da ilustre inveja e quietei-me com meus pensamentos obscuros. Não há nada que possa ser feito. Eu continuo cativa desse sentimento profundo. E quase natural, quase divino.

Acabei concluindo, de que eu não quero felicidade. Ela é efêmera e não me sustenta. A inveja é o oposto dela. É sofredora, permanente e maldosa, mas ela é duradoura e me mantém resistente o suficiente para tentar suportar a felicidade alheia.

Após essa brilhante conclusão, para um consolo próximo, respirei aliviada por saber que a última folha que descrevia a felicidade de um homem e uma mulher já não estava mais presente no livro, e muito menos dentro da minha casa, então o guardei no fundo da gaveta para acudir o resto das minhas melancolias e adoçar-me as dores que ainda me acompanham.

Depois que tudo voltou ao normal, olhei-me no espelho e foi como se ele me perguntasse desdenhando

- E a inveja?
- Ah! Eu ainda morro disso! respondi sorrindo.

CATEGORIA **POESIA**

1º LUGAR

Teresa Cristina do Nascimento Bendini - Tremembé/SP

POEMA SEM VERBO

Teresa? A terra!
Teresa? O sumo!
Teresa? A sina!
A lida, Teresa... o mundo!
Teresa? O gozo!
Teresa? O riso!
O sonho, Teresa... o viço!
Teresa? O medo!
Teresa? O trilha!
A curva, Teresa... o rio.
Teresa? O tombo!
Teresa? A dor!
O corte, Teresa... o sangue.
Teresa... Teresa ...

2º LUGAR

José Walther Moreira dos Santos - Vitória/PE

DO VINHO QUE NÃO SE RESGUARDA

Deixemos de hipocrisia:
No lodo das raízes
- Não nas flores -
Há mais poesia;

O brilho que salta do peixe
Que o anzol fisga
Mais sabe do poema
Que todo o mar;

Mais sabe do poema a cerca elétrica
Que separa os amantes
Que a alcova que os acolhe
(Adeus Dachau, Gaza, Ilha Grande
Campos da Morte e Medo);

Do poema sabe o Anjo
(Sem asas ou lira)
Que provou do Humano;

As rugas escritas no livro aberto da face sabem
(E só às vezes sabe o sorriso);

Os cascos medonhos do Cavallo do Cão
Nas estepes do pesadello
Sabem
(Não o sonho);

Pois poesia
É o que arde, O que corta, O que curte
Ao extremo sol;

Eis aqui em alto e bom som:
Poesia é o que grita
(Mesmo quando cala);

Ser quântico,
O poema ou se autoaniquila
Ou de pronto Floresce
E em nós se eterniza;

O bom poema,
Senhores
Merece mais que menção honrosa
É vinho
Que não se resguarda
Para uma próxima estação.

16º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL | CONTOS,
CRÔNICAS E POESIAS (Abrangência nacional)

CATEGORIA POESIA

3º LUGAR

Edileuza Bezerra de Lima Longo – São Paulo/SP

POÉTICA

A poesia é a palavra que canta;
geme a nostalgia que faz parte da verve,
e da emoção de quem escreve.

Enquanto aos outros encanta;
o peito do poeta se empobrece,
colhendo a dor de todos e se agiganta.
A soma da infelicidade de todo um mundo;
(ele solitário padece)
e quando ela, sua poesia está pronta;
respira fundo;

e só, finalmente, descansa.

Sua alma vagueia num sono profundo,
mas, seus sonhos saem à cata d'outras dores que
avançam.

É busca constante de algo fecundo;
é paixão e alegria;
dor e fantasia;

uma permanente dialética
entre a rima e a métrica.

A poesia é como a nota musical de uma canção
cuja única pretensão
é sempre

tornar a vida mais bela e poética!

PRÊMIO GALARDÃO

Lúcio Rodrigues Júnior - Tatuí/SP

RECORDAÇÕES

No jardim em que a flor da solidão impera,
sibila uma cigarra o funeral do dia...
Esquecido num canto e abraçado pela hera,
dorme um fogão a lenha imerso na apatia.

O porte grave ainda espelha ecos de outra era...
Quanta história banal ou de amor se perdia
Na luz dourada!... E o sim da confissão sincera
tremia o coração de rude alvenaria...

A neve no farol da lua a sombra engana...
Num transe, o tempo, em noite antiga se engalana...
E, em torno do fogão, a cena é remontada:

Mães em prosa... um cão rosna... a criança corre...
Um trago, o truco, a viola... e quando o fogo morre,
nas cinzas leio: amor... sonho... ilusão... e o nada...

17º CONCURSO PAULO SETÚBAL | LITERATURA E ARTES VISUAIS (Abrangência municipal)

CATEGORIA LITERATURA - ENSINO FUNDAMENTAL (6º E 7º ANO)

1º LUGAR

Giovana Cunha dos Santos - 7º ano

Contemplada pelo Selo de Qualidade Literária: Colégio Anglo Tatuí
Professor (a) contemplado (a) pelo edital: Mariana Fogaça Calvino

O DESEJO DE APRENDER

Focadas. Essa é a palavra que nos definia melhor naquele momento. A cena que passava em nossa frente, era o nosso desejo de sempre: aprender.

Eu e minha irmã sempre quisemos ir em alguma escola, conhecer novos amigos, escrever em cadernos, e o melhor: aprender coisas novas. Mas, nós nunca tivemos esse privilégio.

Nossos pais eram caseiros do sítio "Beija-Flor". O sítio era lindo, a grama era macia, a terra tinha um cheiro de umidade, e o principal: muitos beija-flores. Eu amava morar ali, mas o sonho meu e da minha irmã era partir para a cidade.

Às vezes, nós recebíamos algumas visitas de escolas, como uma "excursão". Esses sempre eram meus dias favoritos. Eu e minha irmã, Julia, sempre ficávamos escondidas tentando escutar o que o professor tentava explicar para os alunos.

Eles sempre diziam algo sobre as plantas, as flores, algo que eu achava muito interessante! Mas, pela cara dos alunos, eles não achavam o mesmo. E eu não entendia o porquê, pois a melhor coisa na vida é alguém passar conhecimento a outro alguém. Mas a maioria dos alunos odeiam os dias de aula. Eu escuto-os, às vezes, e eles sempre dizem: "queria estar dormindo".

Querida tanto estar no lugar deles.

Um dia, quando estava escutando a aula de uma escola, eu ouvi sobre uma "prova de bolsa" que poderiam participar alunos de 11 a 13 anos. Quem passasse na prova, ganharia a bolsa em uma escola muito importante da região. Quando ouvi isso, senti que era a minha chance.

Eu falei para os meus pais, implorei muito, e eles deixaram.

A prova era dali duas semanas, e eu já comecei a ficar ansiosa. Eu tinha um dinheirinho guardado que minha mãe me deu há muito tempo. Eu decidi que era o dia em que eu iria gastá-lo, para comprar uma

passagem de ônibus para a cidade.

Depois de duas semanas, chegou o dia. Eu saí do sítio, andei um pouco, até chegar no pequeno ponto de ônibus que levava à cidade.

Dei o dinheiro para o motorista, e ele me devolveu um pouco. Entrei e sentei. Quando me encostei à cadeira, lembrei que não tinha nem caneta para fazer a prova. Por sorte, vi uma mulher com uma caneta, e peguei um pouco do dinheiro que tinha sobrado e perguntei se ela poderia me vender. Ela aceitou na hora! Peguei a caneta, e esperei o ônibus chegar na cidade.

Quando ele chegou, eu caminhei até achar a escola. Perguntei para muita gente "com licença, o senhor sabe onde fica a escola "Mersey"?". Quando cheguei, havia muita gente. Eu segui algumas crianças da minha idade e entrei em uma sala, até chegar a hora da prova.

Ainda bem que meus pais me ensinaram a ler e escrever, pois eles tinham aprendido quando crianças. Mas, só me ensinaram isso. Eu não entendia nada da prova. Não consegui responder nada. No fim, havia uma redação com o tema livre. Eu decidi contar minha história, e meu desejo de aprender. Porém, no fim do dia, saíram os resultados, e eu não passei. Na prova, eu não acertei nada, e na redação, a grafia estava horrível, tudo escrito errado, sem vírgulas, acentos. Eu comecei a chorar, pois eu tinha tanta esperança.

Por minha sorte, um homem barbudo de cabelos compridos me viu, e me perguntou o porquê de eu estar chorando. Eu lhe expliquei, e ele pediu para que lhe desse a prova. Entreguei-a em suas mãos, e ele a viu inteirinha, até a redação.

- Onde estão seus pais?

- Estão no sítio.

- Como você irá para lá?

Aí que caiu a ficha. Não tinha mais dinheiro para voltar, e não tinha ninguém para me buscar. Por sorte, ele me levou até o ponto de

ônibus e pagou minha passagem.

Dias depois, ele apareceu lá no sítio. Eu lhe perguntei como ele sabia onde ficava minha casa, e ele disse que na redação falava tudo isso.

- Entendi, mas por que você está aqui? – eu disse, com esperança que os resultados tivessem mudado.

Ele disse que ficou emocionado com minha história, e minha vontade de aprender, e que era professor. Disse que iria me dar aulas particulares, e não era preciso pagar. Nessa hora, comecei a chorar. Não acreditei, e fui logo contar a minha mãe. Ela também não acreditou, e pediu para que chamasse o tal do homem. Eles conversaram, e minha mãe logo me deu um abraço.

- Por que não começar agora? – disse o meu novo professor, Vitor.

Ele me deu aula, por muitos anos. Todas as segundas, quartas e quintas, até completar 18 anos, segundo ele, hora de eu fazer o vestibular.

Eu fiz a tal da prova, esforcei-me, dediquei-me, sempre pensando na bondade de Vitor. Consegui passar na prova, e, depois de um tempo, formei-me como professora. Estava muito, mas muito feliz. Queria encontrar o professor Vitor imediatamente. O procurei, mas, quando fui à Mersey, descobri que ele tinha falecido há alguns meses.

Eu fiquei sem chão. Não consegui acreditar. Sentei e comecei a chorar, no mesmo lugar que fiquei quando recebi a notícia da prova, há muito tempo.

Quando olhei para o lado, vi algumas pessoas entrando em uma sala. Achei estranho, e perguntei para a mesma pessoa que havia me dado a trágica notícia. Ela disse que era uma prova para substituir o emprego do querido professor Vitor.

Eu senti, no fundo do meu coração, que o mínimo que poderia fazer, era cuidar dos alunos que foram daquele que, um dia, estendeu-me a mão. E, assim, hoje, estou aqui.

17º CONCURSO PAULO SETÚBAL | LITERATURA E ARTES VISUAIS (Abrangência municipal)

CATEGORIA **LITERATURA** - ENSINO FUNDAMENTAL (6º E 7º ANO)

2º LUGAR

Leonardo Gabriel do Nascimento - 6º ano

Emef "Profª Lígia Vieira de Camargo Del Fiol"

Professor (a) honra ao mérito: Cleusa Elias Correa Fidêncio de Oliveira

O VALOR DE UM PROFESSOR

Como é bom reconhecer
O valor de um Professor
Que vive a ensinar
Com paciência e amor!

Ele é nosso mestre
Nossa guia, nossa luz
Que na busca do conhecimento,
Sempre com amor nos conduz!

Professor é um guerreiro
Sem espada na mão
Coração aberto, passo firme
Um herói sem proteção!

Embora não seja valorizado
Da maneira que convém
Trabalha sempre contente
Dando o melhor que tem!

Se não fosse o professor
A quem devemos o saber
Nós não teríamos a riqueza
Da cultura compreender!

CATEGORIA **LITERATURA** - ENSINO FUNDAMENTAL (8º E 9º ANO)

1º LUGAR

Gustavo Vitorino Moreira Silva - 9º ano

Contemplada pelo Selo de Qualidade Literária: EE "Prof. Ary de Almeida Sinisgalli"

Professor (a) contemplado (a) pelo edital: Cristiane Silva dos Santos

AO MESTRE, COM CARINHO

Quando me foi dada a tarefa de registrar nestas linhas uma homenagem àquele a quem mudou a minha vida, no primeiro momento, acreditei que não seria possível passar ao papel com riqueza de detalhes todos os feitos de tão nobre homem. Da nostalgia ao contentamento, passei por quase todos os sentimentos e isto me levou a recordar momentos únicos que passei ao lado do homem mais rico que já conheci.

Mesmo receoso de não ser a pessoa mais indicada para tal tarefa, decidi que vocês, leitores, mereciam conhecer um pouco sobre a vida de um homem simples, humilde, mas que transbordava alegria. Sim, digo um pouco, pois só quem viveu ao seu lado conseguiria relatar detalhadamente as façanhas de um professor que nutria em sua vida duas grandes paixões: os números e tudo o que se relacionasse ao universo circense.

Tenho que deixar claro que nunca fui um aluno dedicado aos estudos. Passei grande parte da minha vida escolar visitando a sala de Dona Amélia, a diretora da escola. Naquele tempo, professor Astolfo lecionava matemática,

era mais conhecido no meio acadêmico como "Mestre Zezinho", pois para tornar suas aulas atraentes, costumava vestir-se de palhaço e com o rosto coberto por toda aquela maquiagem fazia com que tudo parecesse fácil de se aprender.

Vale dizer aqui também que de todas as disciplinas, matemática era o meu pior pesadelo, não havia neste mundo quem me fizesse compreender aquelas equações de 1º e 2º graus, assim sendo, também não via com bons olhos os professores que ensinavam tal matéria, até o mestre Zezinho entrar em minha vida.

Tudo começou quando fui mandado até a sala da direção como tantas outras vezes, o motivo, uma bomba que explodira em um dos banheiros, o suspeito, o aluno problemático que vos fala. Na ocasião, mestre Zezinho esperava na sala em frente pela sua próxima aula e não pôde deixar de assistir ao meu julgamento, eu de um lado jurando minha inocência, Dona Amélia do outro com sua desconfiança. Foi então que o mestre saindo da sala dos professores adentrou furiosamente a sala em que estávamos, sentou-se ao meu lado e sem

cerimônia alguma posicionou-se como meu advogado.

Não contarei maiores detalhes, direi apenas que o professor conseguiu estabelecer um acordo com a diretora, eu deveria ficar na escola após as aulas e neste tempo aproveitar para estudar os conteúdos que me causavam dúvidas. É claro que não gostei, e acrescento que gostei menos ainda quando soube que minhas primeiras aulas extras seriam de matemática.

Mestre Zezinho encontrou em mim muita resistência, mas com toda sua sabedoria e alegria operou o verdadeiro milagre em minha vida. Se fechar bem os olhos ainda consigo ouvir seus conselhos: "O caráter de uma pessoa é medido não pelo o que ela acredita e sim o quanto luta para defender aquilo que é mais correto". Essas palavras e toda a dedicação do mestre Zezinho me tornaram uma pessoa melhor.

Parecerá até mesmo cômico dizer que daquele dia em diante minha disciplina favorita passou a ser matemática, mestre Zezinho fez despertar em mim a sede do conhecimento, em especial pelos números. Venci depois disso muitos outros

medos, aprendi inúmeras coisas novas e crescia em mim o desejo de retribuir tantas vitórias ao meu querido mestre.

Em uma manhã fria de junho, faltavam poucos dias para o início das férias, a cidade acordou com uma terrível notícia. Mestre Zezinho havia partido deste plano terreno e com ele se foi também toda a alegria e bondade, diante desta situação, a escola inteira chorou.

Hoje, tantos anos depois, ainda sinto aquele aperto na garganta e me dói o coração. O que sou hoje, devo ao mestre, sou grato a ele por me fazer enxergar a leveza das coisas, a alegria e o prazer em ensinar.

Sim, sou professor de matemática naquela mesma escola de anos atrás em que aluno também já fui. Tento levar aos meus alunos os ensinamentos que tive de mestre Zezinho, todos os dias digo-lhes que convivi com o homem mais rico da minha terra, este homem não tinha posses, nem tampouco uma fortuna em dinheiro.

O homem mais rico da minha terra acumulava bondade no coração, era rico por ter em mãos os bens mais valiosos, o amor ao próximo e dedicação à sua profissão.

CATEGORIA **LITERATURA** - ENSINO FUNDAMENTAL (8º E 9º ANO)**2º LUGAR**

Isabella Koyama - 9º ano

Colégio Anglo Tatuí

Professor (a) Honra ao Mérito: Mariana Fogaça Calvino

A ORIGEM DE MINHAS HISTÓRIAS

Sentada nesta antiga poltrona, folheio as folhas velhas e amareladas, desgastadas pelo tempo. Lembro-me de como escrevi minhas primeiras histórias, e de como fiquei feliz ao conseguir comprar este caderno simples e barato.

Lúcia é o nome da gentil mulher de quem me recordo com tanta clareza. Graças a essa professora, hoje, consigo escrever minhas histórias tão bem. Consigo vê-la perfeitamente quando fecho os olhos, entrando naquela sala decadente, com sua saia perfeitamente passada, cabelos encaracolados e bochechas rosadas. Sentava-se à mesa, de madeira antiga e escura, e ali passava suas tardes, ajudando crianças pobres e analfabetas. Sempre gostei de fantasiar, mas por não saber ler nem escrever, não sabia passar minhas ideias para o papel, o que na época foi um pesadelo para mim. Uma menina que amava histórias,

mas não havia lido um livro sequer.

A gentil professora sempre lia seus contos no seu tempo livre, e minha paixão crescia e crescia. As tardes de leitura eram alimento para minhas ideias, e a suave voz da professora era música para meus ouvidos. Tudo ia bem, até que minha mãe adoeceu, e o pouco de dinheiro que tinha foi usado com ela. Foi uma época difícil da minha vida, precisei trabalhar com meu irmão mais velho, ajudava-o nas ruas, recolhendo papelão e latinha, era nosso sustento. E, assim, deixei as aulas. Devido às faltas na escola, a senhora Lúcia apareceu lá em casa. Depois de entender a situação, ela se comprometeu a me dar aulas de leitura e escrita aos finais de semana, desde que eu voltasse às aulas, assim que possível.

E, assim, aconteceu. Eu esperava ansiosamente pelos finais de semana para

poder aprender o que eu tanto queria. Demorava, mas como tinha paciência aquela gentil mulher! Eu era dedicada e aprendia fácil e, depois de muitos dias de estudo, consegui escrever minha primeira história, dedicada à minha adoecida mãe. Após ter aprendido a ler, era tudo o que fazia. Amava todos e qualquer tipo de livro. Lia um atrás do outro, e Lúcia, com o coração grande que tinha, presenteava-me com um todo mês.

O tempo passou. Os anos correram. E Lúcia também ficou doente. Fiquei enfurecida, pois parecia que a vida queria me tirar mais alguém importante. Mas, mesmo em seus momentos ruins, Lúcia tinha o coração grande e caloroso. Eu a visito todo mês, no hospital local, mas acredito que, hoje, será nosso último encontro, devido ao seu estado de saúde. Levanto-me

da velha poltrona, agarro o caderno barato e saio pela porta de casa, sabendo que ao abri-la novamente, trarei uma tristeza comigo. Entro naquele quarto de hospital branco, frio e com cheiro de remédios, ali, naquela cama deitada, está a gentil mulher. É difícil reconhecê-la, com a aparência cansada e doente que está.

Sento-me na cadeira ao lado dela e leio minhas velhas histórias. Assim, passo a tarde, ao seu lado, como ela costumava fazer comigo, contando-lhe contos com o mais suave tom que tenho. Quando chega o horário de ir, levanto-me, ando até sua cama, dou-lhe um beijo na testa e, por fim, um forte e apertado abraço. E, ali, às cinco horas da tarde, abraçada à mulher a quem devo muito pelas minhas histórias, sinto-me uma criança novamente, uma simples menina, abraçada à professora Lúcia.

CATEGORIA **LITERATURA** - ENSINO MÉDIO**1º LUGAR**

Odimar Augusto Martins Proença - 3º ano

Contemplada pelo Selo de Qualidade Literária: Colégio Anglo Tatuí

Professor (a) contemplado (a) pelo edital: Mariana Fogaça Calvino

A PERA E OS SABIÁIS

Observando Seu Chico escrever na lousa, Paulo por um momento se perdeu em meio às palavras que rodeavam sua cabeça, apesar dele ser o professor preferido durante todo primário, era necessário escrever um texto naquela aula, não podia deixar escapar aquele instante de criatividade, pegou seu caderno e começou a escrever uma história:

“Bom, primeiramente, acho que devo escolher um título...quer saber, deixa isso pro final”. Era uma vez, uma pera, “sim, uma pera, afinal, quero fazer uma fábula de bondade e, bom, como muitos acham que a maçã era o fruto da árvore da vida, que tal se a pera for o fruto da árvore da bondade?”. Um dia, por livre e espontânea vontade, a pera decidiu cair do seu galho ao avistar um grupo de sabiás famintos que tinham sido separados do seu bando, talvez, por que eram muitos velhos e não

agregariam mais nada aos demais. Os animais pareciam estar famintos, além das suas capacidades de voar estarem debilitadas, devido às asas enfraquecidas com a idade, a tristeza de terem sido separados do bando fazia com que eles se sentissem inúteis e acabava com suas esperanças. Voltando à pera, esta foi até o grupo de pássaros e a eles ofereceu partes de si para os sabiás se alimentarem. As demais frutas das outras árvores cochichavam umas às outras – Que loucura ela está fazendo? Esses pássaros já não valem mais nada – outras diziam – Nós devemos servir de alimento para os pássaros mais novos, esses sim têm função na natureza – inclusive outras peras diziam coisas como essas: “Afinal, se nós, que somos humanos, muitas vezes, a maioria faz coisas sem pensar, uma pera, apesar de estar na árvore da bondade, agir com arrogância não é nenhuma surpresa”.

E, aos poucos, a pera que alimentava os pássaros ia perdendo cada vez mais partes do seu conteúdo, porém, ela sabia que aquilo que estava fazendo era o certo. Com o passar do tempo, a pera foi percebendo que não era o alimento que ela fornecia para os pássaros o mais importante para eles, mas sim, o fato de um outro ser vivo dar a atenção que eles necessitavam e não recebiam de outro ser. Vendo que eles necessitavam de esperança, a pera começou a contar para os sabiás as histórias do Criador, que tudo na natureza tinha o seu propósito e que Nele eles podiam confiar a sua esperança. Certo dia, cansada da hipocrisia das outras peras, a fruta principal de nossa história resolveu não voltar mais para o seu galho e decidiu entregar todo o fruto que tinha aos pássaros, “Dá o fruto aos animais e terás um tesouro na terra roxa”, assim, todo seu conteúdo serviu

de alimento para os sabiás, enchendo seu estômago de comida e seus corações de esperança. As sementes, única coisa que restou da pera, apesar de não terem sido dispersadas pelos pássaros mais novos, germinaram ali mesmo, gerando uma pereira tão bonita que se tornou conhecida por todos e entrou para a história daquela floresta.

“Agora vou colocar meu título”. Nesse instante, o professor Chico apareceu e arrancou o caderno das mãos de Paulo e começou a ler – É isso o que você anda fazendo na minha aula, Paulo? – disse Chico antes de começar a ler o texto. Após lê-lo, Chico entregou o caderno ao aluno e disse com um sorriso no rosto – Você será uma dessas sementes, Paulo. O sinal tocou. “Meu Deus, eu me esqueci de colocar o título! Já sei! As sementes da Pereira, tá bom que esse meu “da” está parecendo um “do”, mas deve significar alguma coisa”.

CATEGORIA LITERATURA - ENSINO MÉDIO

2º LUGAR

Hillary Fabiana Tereza Farah Zanella - 2º ano

Colégio Anglo Tatuí

Professor (a) honra ao mérito: Mariana Fogaça Calvino

AO MESTRE, COM CARINHO

Mais uma lágrima cai em meu rosto, quando sinto uma mão em meu ombro e uma voz que diz: “Carol, é sua vez de falar”.

Começo então a contar sobre a primeira vez que aquela mulher confortou meu coração. Era uma tarde chuvosa, ela passou algo no quadro e andava pela sala enquanto copiávamos. Parou ao lado de minha mesa e me perguntou:

- Carol, tudo bem com você?

- Tudo bem. – respondi – Só queria saber se falta muito pro intervalo.

- Falta um pouco, sim. Por quê? Você não almoçou antes de vir pra escola?

- Não tinha nada para comer em casa.

A partir daquele dia, ela passou a me trazer sempre um pãozinho para comer antes da aula. Só depois de muito tempo que fui descobrir que aquilo era tudo que ela tinha para comer em sua casa também.

Quando alguém precisava de alguma coisa, ela não pensava duas vezes antes de ajudar. Quando pensei em desistir, em largar tudo, ela me ajudou a levantar e me mostrou a força que eu tinha para seguir.

Ela me ensinou muitas matérias, sim. Se hoje posso me orgulhar do meu diploma, com certeza é por causa dela. Mas com ela aprendi muito mais que isso. Ela me ensinou a pensar, a questionar, a lutar, a não ser só mais um no meio da multidão.

Ela me ensinou a dividir, a compartilhar, a olhar para o próximo. Ela me ensinou a simpatia, a empatia, a igualdade, a humildade, a equidade e o afeto. Ela me ensinou a aproveitar cada momento, a viver o hoje como se não houvesse amanhã. Ela me ensinou como ser uma pessoa, uma cidadã, como amar, como cuidar, como se importar. Ela me ensinou a tratar os outros como gostaria que me tratassem. Ela me ensinou a respeitar, a entender.

Um dia fazia muito frio, e ela apareceu na escola sem o seu famoso casaco. Todo mundo ficou espantado, mas ela disse que nem estava com tanto frio assim. Indo embora para casa, há alguns metros da escola, avistei seu casaco servindo de cobertor a um morador de rua. Era assim que ela me ensinava.

Ela me mostrou que eu podia ser, onde podia

chegar, coisas que nem eu mesma via em mim. Ela me mostrou meu potencial, mas também me mostrou minhas falhas. E me ensinou que tudo bem ter falhas, faz parte da vida, é o que te torna humano.

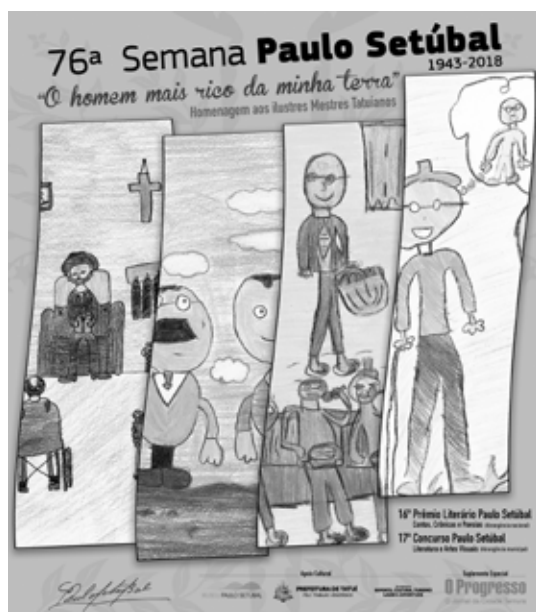
Houve uma fase de minha vida em que me sentia muito sozinha, como se ninguém me entendesse, ninguém estivesse lá por mim. Senti que todos iriam me abandonar, e logo eu me veria solitária sem saber o que fazer, quais decisões tomar. Não contei isso para ninguém, nem mesmo para minhas amigas mais próximas. Só sei que, um dia, depois da aula, ela rasgou um pedaço de sua saia, fez uma bonequinha e entregou em minhas mãos. “Nunca vai te faltar presença”, ela disse. Desde aquele dia, nunca me faltou.

Ela me ensinou a ter fé nas pessoas, mas a nunca confiar em todo mundo. Ela me mostrou como o mundo podia ser bom, e me ensinou a defender quando ele fosse mau. Talvez, hoje, eu não me lembre de todas as fórmulas de matemática ou dos tipos de relevo da geografia. Mas eu me lembro que com ela, aprendi que as coisas mais importantes da vida são as que não podemos ver nem tocar, apenas sentir.

Ela me ensinou o poder da sabedoria, a revolução que o saber pode provocar. Ela me deu a joia mais cara, o que ninguém vai nunca poder tirar de mim: o conhecimento. Ela me ensinou que o dinheiro pouco importa quando se faz o que ama. Ela me ensinou que ensinar é um dom, é o que gera todas as outras profissões. É o que mantém as futuras gerações vivas. É o que garante o futuro da humanidade.

Nem sei como agradecer por você ter existido em minha vida. Você me fez crescer, me levou do giz de cera à caneta do vestibular, de uma criança a uma mulher formada. Ensinou-me a ser melhor, a diferença entre o certo e o errado. Você foi minha melhor amiga, minha mãe, meu exemplo, minha inspiração.

Hoje você se vai, mas continua presente em cada um que passou por ti. O livro se fecha, mas a história continua. Teu coração continuará batendo no coração de cada um de seus alunos. Muito obrigada por tudo. Enxugo minha última lágrima e volto para meu lugar.



JÚRI DO 16º PRÊMIO LITERÁRIO PAULO SETÚBAL

JOSÉ RUBENS INCAO

Diretor da Biblioteca Infantil Municipal Renato Sêneca de Sá Fleury, pesquisador e especialista em mitologia, folclore e literatura. Membro da Academia Sorocabana de Letras, cadeira Cecília Meirelles

MARIA VIRGILIA FROTA GUARIGLIA

Professora universitária e doutora em comunicação e semiótica. Membro da Academia Sorocabana de Letras, cadeira Haroldo de Campos

MYRNA ELY ATALLA SENISE DA SILVA

Professora de letras, pesquisadora, mestre e especialista em literatura. Membro da Academia Sorocabana de Letras, cadeira João Guimarães Rosa

JÚRI DO 17º CONCURSO PAULO SETÚBAL LITERATURA E ARTES VISUAIS

CARMELINA MONTEIRO (artes visuais)

Educadora, que se aperfeiçoou com grandes profissionais, como Tereza Berlink e Sérgio Romagnolo. Em sua bagagem artística, carrega inúmeras exposições em Tatuí, Peru, Londres, São Paulo, Sorocaba e Rio de Janeiro, sendo agraciada com medalha de bronze em Tatuí (1996) e no Rio de Janeiro (2012) e medalha de prata em Londres (2012).

JAIME PINHEIRO (artes visuais)

Formado em artes plásticas, iniciou trabalhos cenográficos em 1979, paralelamente à área de artes gráficas e como designer. Em 1997, instalou a oficina de cenografia no Conservatório de Tatuí, onde atua como cenógrafo. Entre seus principais cenários, estão os dos programas “Prelúdio”, “Prêmio Carlos Gomes” e “Sinfonia Fina”, da TV Cultura.

MINGO JACOB (artes visuais)

Artista plástico, é formado em desenho industrial. Trabalhou com artes gráficas e auxiliar de cenografia, no Conservatório de Tatuí, e como professor de desenho de observação, na faculdade Asseta. Estudou pintura a óleo, teoria da cor e composição artística na Associação Paulista de Belas Artes. Tem participado de salões, exposições coletivas e individuais, obtendo premiações.

ARY ROBERTO (literatura)

Ator, cursou a Escola de Arte Dramática e Escola de Comunicação e Arte da USP. Participou de diversas montagens teatrais, sob a direção de Antônio Mendes, Moisés Miastkowsky e Álvaro Maestri. Fez parte do corpo docente do Conservatório de Tatuí. Atualmente, escreve minicontos para o blog “Ora, Ora Direis”.

CIMIRA CAMERON (literatura)

Formada em letras pela Faculdade de Letras e Filosofia de Sorocaba, pós-graduada na USP, tendo como professores Antônio Cândido e Paulo Emílio Salles Gomes. Foi professora de português lecionando na área por 40 anos no Estado do Mato Grosso e São Paulo.

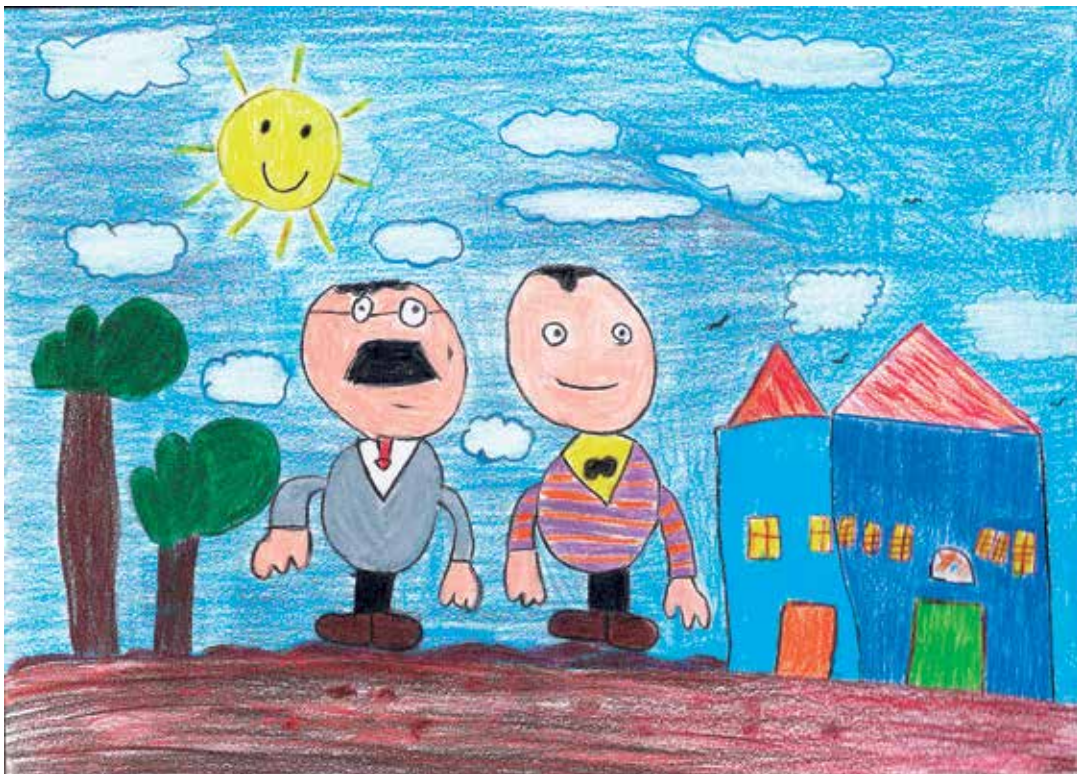
IVAN CAMARGO (literatura)

Jornalista, pós-graduado em comunicação social, trabalha como editor do jornal O Progresso de Tatuí. Autor dos romances “Onde Moram os Tatus” e “Assombrações Caipiras”, das peças teatrais “O Cativo”, “Até que a Morte nos Enlace”, “Santa Casa da Luz Vermelha” e do livro de contos “Golpe Baixo”.

CATEGORIA **ARTES VISUAIS** - ENSINO FUNDAMENTAL (1º E 2º ANO)

1º LUGAR - Eric Soares - 1º ano

Contemplada pelo Selo de Qualidade Literária: Emef "Prof. José Tomás Borges"
Professor (a) contemplado (a) pelo edital: Alessandra Carlos Gonçalves



2º LUGAR - Aparecida de Almeida Alves Pedroso - 2º ano

Emef "Prof. Accácio Vieira de Camargo"
Professor (a) honra ao mérito: Elis Regina Prestes Barbosa



CATEGORIA **ARTES VISUAIS** - ENSINO FUNDAMENTAL (3º, 4º E 5º ANO)

1º LUGAR - Maria Eduarda Antunes de Oliveira - 3º ano

Contemplada pelo Selo de Qualidade Literária: Emef "Prof. Accácio Vieira de Camargo"
Professor (a) contemplado(a) pelo edital: Elis Regina Prestes Barbosa



2º LUGAR - Luana Mayer Gardenal - 4º ano

Curso e Colégio Sul Paulista - Anglo Tatuí
Professor (a) honra ao mérito: Teresa Cristina Neves Fonseca Batista



PUBLICIDADE